

De volta ao futuro da língua portuguesa.

Atas do X^o UNICAMP Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa

Simpósio 29 - Estudos do estilo em diferentes gêneros discursivos, 1833-1852

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p1833

<http://siba-esel.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

AS TRÊS CAMADAS ESTILÍSTICAS: ANÁLISE DO ESTILO NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO FACEBOOK

Artur Daniel Ramos MODOLO¹

RESUMO

A proposta central do presente artigo é a compreensão das alterações de estilo ocorridas durante a inserção da divulgação científica em redes sociais, especialmente em nosso objeto de análise no *Facebook*. Para atingir tal objetivo, examinar-se-á enunciados oriundos das páginas das revistas *Pesquisa FAPESP*, *Scientific American Brasil* e *Superinteressante* nessa rede social. Essa seleção visa contemplar três diferentes tipos de produção de divulgação científica, resultando, do ponto de vista bakhtiniano, em diferentes tipos de público leitor (interlocutor presumido), escolhas lexicais e materialização do discurso. Por consequência da distinção de finalidade discursiva, será possível observar como as particularidades de cada uma das revistas resultam, de fato, em três variações estilísticas da divulgação científica. Como resultado da presente análise, verifica-se como os recursos multimodais e tecnológicos presentes no *Facebook* acarretaram mudanças de estilo em comparação com suportes mais tradicionais (revistas, jornais). Antes da popularização da Internet para uso doméstico, as revistas de divulgação científica propiciavam apenas um espaço delimitado de interação verbal entre publicação-leitores em suas revistas impressas. Dessa forma, tal possibilidade de interação estava basicamente restrita ao gênero do discurso “carta do leitor”. As cartas dos leitores, entretanto, eram previamente selecionados pelos editores e apenas parte delas era publicada. Por outro lado, após o crescimento da Internet, sobretudo das redes sociais, a interação se diversificou. Essa interação se materializa principalmente pelo uso de comentários, na qual se verifica que a pluralidade de estilos é significativamente mais acentuada. O contraste supracitado explicita a maneira pela qual a produção verbal na divulgação científica, tanto dos leitores, quanto dos divulgadores, constitui-se por variados gêneros e, consequentemente, estilos de gêneros diversos. Os leitores podem interagir verbalmente com maior liberdade e variedade de conteúdo e estilo, os divulgadores da ciência tendem a utilizar um grau ainda maior de material visual nas publicações digitais.

¹ Universidade de São Paulo - adrmodolo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O crescente e incessante uso de inovações tecnológicas é uma das características mais emblemáticas da contemporaneidade. Transformações no desenvolvimento de novos modelos de smartphones, melhorias na conexão da Internet móvel, processadores cada vez mais velozes são anualmente produzidas e consumidas pelo igualmente ascendente número de usuários das mesmas. O complexo horizonte social produto e produtor dessas transformações possibilita uma série de reflexões em relação aos resultados da contemporaneidade, o papel da ciência, as mudanças infraestruturais de origem tecnológica. Uma série de pontos de vistas e consequências de tais alterações são escrutinizados por filósofos, cientistas sociais, economistas etc. No campo acadêmico, áreas de estudos foram desenvolvidas para refletir tais mudanças, dentre elas as humanidades digitais que agrupam estudiosos de diversas disciplinas: história, arte, filosofia, literatura, entre outros.

Diante de tal panorama, o presente artigo visa contribuir com reflexões direcionadas para a área da linguagem, mais especificamente nos estudos discursivos. Optou-se por assumir uma perspectiva bakhtiniana como orientação teórico-metodológica para guiar as análises feitas no presente trabalho. Tal opção resulta na tentativa de aliar importantes contribuições para os estudos da linguagem feitas pelo Círculo de Bakhtin com os mais recentes desdobramentos sociais, discursivos e linguísticos resultantes da Internet e do meio digital. Ressalta-se que tal esforço teórico-metodológico é, em certa medida, uma sequência da minha pesquisa de mestrado (MODOLO, 2012), no qual foi possível perceber que os resultados teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin são passíveis de serem empregados para estudos do meio digital de forma satisfatória. Ademais, outros pesquisadores como Ferraz (2013) utilizaram tal teoria para refletir acerca de fenômenos linguístico-discursivos por um prisma bakhtiniano.

Afirmamos, sobretudo, que além de ser possível a viabilização da teoria bakhtiniana para tais estudos, novas contribuições e acréscimos teórico-metodológicos são possíveis de serem produzidos. É evidente que uma teoria inicialmente formulada, na sua maior parte, durante a primeira parte do século XX, não estaria completamente pronta para a aplicação em estudos que visem a explicação de redes sociais, hipertextualidade e gêneros digitais. Sendo assim, a primeira contribuição do presente artigo é promover análises que possibilitem a ampliação e aplicação da teoria bakhtiniana

para os estudos de enunciados produzidos nos meios digitais. A segunda contribuição de nosso artigo é compreender as especificidades estilísticas da divulgação científica em uma rede social como o *Facebook*, fator que obviamente acarretará diferenças com outras formas de divulgação científica mais tradicionais como revistas e jornais. Para a compreensão de diferentes componentes estilísticos, avaliaremos suas implicações em três diferentes camadas: i) a relação do estilo com aspectos contextuais; ii) o estilo do gênero; iii) o estilo autoral. Obviamente não se pode analisá-las de forma completamente estanque, pois as três camadas apresentam porosidade e influências mútuas, por essa razão analisaremos da mais ampla (horizonte social), até chegarmos na mais concisa (autoral).

2. PRIMEIRA CAMADA: A INFLUÊNCIA DO HORIZONTE SOCIAL EM QUESTÕES ESTILÍSTICAS DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A concepção bakhtiniana em relação à interação verbal e à linguagem de forma mais ampla, possibilita relacionar a diversidade e as mudanças constantes da língua com o contexto histórico e as alterações ocasionadas nos percursos de cada esfera de atividade humana. O contexto sócio-histórico, econômico e cultural alteram, portanto, não somente as formas de interação verbal, como também o estilo e os gêneros empregados na miríade de enunciados empregados pelos agentes sociais. Há, portanto, um forte enlace entre as mudanças de cada campo e a linguagem em suas mais diversas matizes. O horizonte social é essencial para que essas nuances linguístico-discursivas de cada uma das esferas sejam efetivamente compreendidas. Não há esfera nas sociedades ocidentais que tenha permanecido completamente inerte às mudanças no decorrer dos últimos séculos, sendo assim, considerar o panorama histórico delas na contemporaneidade acrescenta novas perspectivas que auxiliam na interpretação dos enunciados produzidos por cada um dos campos.

Na maior parte dos casos, é preciso supor além disso um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2010, p.115)

Em outras palavras, de acordo com os autores, o campo é determinante para as condições e finalidades ligadas ao tema, estilo da linguagem, recursos lexicais, fraseológicos, gramaticas e, sobretudo, por sua “construção composicional”. Iremos adentrar com maior fôlego no problema das esferas e do estilo, assim como de outros conceitos relevantes para teoria bakhtiniana no decorrer do artigo, ainda assim é necessário antecipar que os gêneros do discurso e os estilos desses gêneros estão inseridos na compreensão dos diversos campos de atividade humana. Por consequência, gêneros e estilos são multiformes assim como as esferas.

A partir das supramencionadas mudanças ocorridas na sociedade, o horizonte histórico possibilitou que quanto maior fosse o desenvolvimento das esferas, houvesse um maior desenvolvimento de gêneros e transformações estilísticas. Sendo assim, como resultado da modernidade, uma série de esferas, como a artística, propiciaram significativa possibilidade de expansão para novos gêneros que ainda não estavam previstos na estética pré-moderna (os gêneros romanescos, por exemplo, típicos da era burguesa). Essas transformações, deve-se ressaltar, tiveram reverberações nos temas, composição e estilo dos gêneros. A divulgação científica, nosso objeto de análise, reflete transformações de outras esferas como a pedagógica, científica e jornalística. Tal conexão entre as esferas e a divulgação científica se devem ao fato da divulgação científica ser uma espécie de relação dialógica entre a ciência e outras esferas culturais.

A nosso ver, a divulgação científica é uma modalidade de relação dialógica em que a esfera científica entra em contato com outras esferas culturais. Em seguida, nesse diálogo as esferas saem enriquecidas: por um lado, a esfera científica submete seus saberes a uma avaliação crítica bem como passa a fazer parte dos valores culturais gerais e, por outro, as demais esferas ampliam-se com a incorporação de elementos da concepção de mundo científica (GRILLO, 2013, p. 53).

Para a elaboração de análises da divulgação científica, certamente uma das esferas que exercem maior influência é a esfera jornalística responsável pela transmissão dos enunciados em revistas, jornais e mídias sociais na Internet. Em relação a tal esfera de atividade humana, Lipovetsky (2000) afirma que parte das mudanças ocorridas em jornais, revistas e em setores da arte, sobretudo no referente ao uso do humor para criação de um “estilo descansado e inofensivo” relacionado ao entretenimento, deixando a criticidade de lado e se dedicando a um leitor-consumidor de notícias.

Os panfletos violentos perderam sua preponderância, os cantautores já não estão mais na moda; tem surgido um novo estilo descansado e inofensivo, sem negação, nem mensagem, característico do humor da moda, da escrita jornalística, dos jogos radiofônicos, da publicidade dos *comics*. O cômico, longe de ser a festa do povo ou do espírito, converteu-se em um imperativo social generalizado, em uma atmosfera *cool*, um entorno permanente que o indivíduo sofre até na sua cotidianidade (LIPOVETSKY, 2000, p.137)².

De qualquer modo, há indicativos de que tal fenômeno de abertura ao entretenimento já seja algo consolidado na esfera jornalística. “Os produtos midiáticos adquirem novos contornos, tanto na esfera do jornalismo quanto do entretenimento, dimensões estas cada vez mais entrecruzadas na manifestações da mídia. (KÜNSCH, 2009 p.5). Há uma aproximação tão grande entre as duas áreas que Künsch emprega o verbo “entrecruzar” para descrever a ligação existente. A crescente publicação de artigos e livros referentes à temática demonstra não apenas o crescimento da reflexão acerca do tema, como também as importantes consequências de se ter um jornalismo “menos sério”, ou que se confunda com o entretenimento. O “duelo” que há pela atenção do leitor-expectador-internauta é algo que influencia diretamente na linguagem jornalística: estilo, tema e forma composicional. É provável que, por se tratar de um tema que envolva o lado mais passional do público, o jornalismo esportivo tenha sido uma das áreas que tenha se questionado de forma pioneira e mais intensa sobre os limites do jornalismo e do entretenimento e, em qual medida, esse liame afeta na qualidade das publicações. Há de se fazer a ressalva que, embora seja discutível os limites do entretenimento no jornalismo, isso não faz com que o uso do humor, de um estilo mais prosaico comprometam automaticamente a credibilidade da notícia, ou o teor crítico do jornalismo.

Supor que o jornalismo esportivo deva ser voltado apenas ao entretenimento, ao descanso do ouvinte já tão cansado pelas agruras do dia-a-dia, é apenas escapismo em busca do não-comprometimento. Porque a função do jornalista é muito mais mostrar o que está errado do que aplaudir o que está certo, embora, é claro, uma coisa não impeça a outra. E fazer jornalismo

2 Tradução livre de: Los panfletos violentos perdieron su preponderancia, los cantautores ya no están de moda; ha surgido un nuevo estilo desenfadado y inofensivo, sin negación ni mensaje, característico del humor de la moda, de la escritura periodística, de los juegos radiofónicos, de la publicidad de muchos comics. Lo cómico, lejos de ser la fiesta del pueblo o del espíritu, se ha convertido en un imperativo social generalizado, en una atmósfera cool, un entorno permanente que el individuo sufre hasta en su cotidianidad (LIPOVETSKY, 2000, p.137)

esportivo com seriedade não é, necessariamente, fazê-lo sem bom humor (KFOURI, 2006, p.105)

Se em áreas como o jornalismo esportivo o espaço para o entretenimento é problematizado, em outros temas como política e economia ocorrem ainda mais questionamentos a tal mescla. Ainda assim, gradativamente é possível verificar que o jornalismo tem mudado, como ressaltamos na sessão anterior, seja pela alternância com notícias de temas mais cotidianos, pelo estilo mais informal, ou ainda por uma menor densidade das notícias (períodos menores de fácil leitura ao leitor, parágrafos curtos, menor detalhamento do conteúdo *etc.*).

A esfera jornalística é extremamente relevante na sociedade contemporânea, como afirmamos previamente, sobretudo pelo grau de importância que as informações possuem na sociedade contemporânea. Na obra *Teorias da Sociedade da Informação*³, Frank Webster faz menção a diversos filósofos e sociólogos que debateram a contemporaneidade, entre eles: Baudrillard, Giddens, Habermas, Harvey *etc.* demonstrando que, embora todos esses autores empreguem uma classificações heterogênea para pensar o período “pós-moderno” ou “pós-industrial” e se debruçassem sobre questões distintas (a esfera pública em Habermas; a acumulação flexiva em Giddens, a pós-modernidade em Baudrillard), todos eles parecem coincidir em relação à relevância que a informação adquire, na avaliação do autor, uma valorização sem precedentes “a partir do final do século XX e início do século XXI” (WEBSTER, 2006, p.7).

Entre os possíveis paralelos possíveis de serem traçados entre as duas esferas, a primeira semelhança que merece ser citada entre ciência e jornalismo é a busca da “objetividade”. Tal desejo de ambas as esferas de serem “objetivas” irá se refletir em outras qualidades teoricamente “desejáveis” para as duas atividades humanas, como a busca pela “verdade”, dos “fatos” e da “imparcialidade”. Esses são elementos em comum capazes de demonstrar uma determinada afinidade entre o fazer científico e jornalístico. Eles ecoam nas revistas analisadas – *Superinteressante*, *Pesquisa Fapesp* e *Scientific American Brasil* – por mais que o intuito de tais revistas seja popularizar a ciência e produzir enunciados compreensíveis ao grande público, há um compromisso de publicar informações verdadeiras. Tais características, entretanto, passam a ser cada vez mais intensamente debatidas e questionadas, pois, assim como na esfera científica, há a problematização de questões como a influência do ponto de vista, de ideologias *etc.*

³Tradução livre de *Theories of the information society*”.

Cada vez mais, parte dos valores supramencionados deixam de ser finalidades últimas de jornais, revistas e telejornais, que também buscam um apelo emotivo, flexibilizando tanto no uso de gêneros, quanto no estilo, uso de imagens e temas.

A mass media por detrás de sua objetividade superficial, as informações jogam com a emoção (...) Inclusive as publicações sérias se deixam arrastar por essa moda: basta ler os títulos dos periódicos, as revistas e inclusive os artigos científicos ou filosóficos. O tom universitário dá lugar a um estilo mais dinâmico feito de sacadas e jogos de palavras⁴ (LIPOVETSKY, 2000, p.136)

Até o presente momento analisamos a primeira camada, na qual foi possível perceber influências do contexto contemporâneo sobre as esferas científica e jornalística. A partir das reflexões bakhtinianas verificamos como as influências sócio-históricas ecoavam no estilo de enunciados produzidos por tais esferas. Na próxima seção analisaremos o papel da segunda camada que está relacionada com o gênero e suas influências nas questões estilísticas. Ademais, verificaremos a sinergia entre as duas primeiras camadas.

3. SEGUNDA CAMADA: O ESTILO DOS GÊNEROS NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO FACEBOOK

O estilo está intimamente relacionado com os gêneros do discurso. O estilo de um gênero é uma das áreas fundamentais das análises poéticas e críticas literárias, pois nelas se debatem questões referentes ao estilo dos romances, poemas e peças, assim como suas variações, por exemplo, o romance gótico em contraste com o romance realista. Tal exemplo demonstra a capacidade de variações que alguns gêneros apresentam e as possibilidades desses gêneros adquirirem novas nuances estilísticas mediante influências da primeira camada estilística. Em outras palavras, mudanças na sociedade podem resultar não apenas na criação de novos gêneros, como também em alterações dos gêneros já existentes. O próprio romance é um exemplo relevante pela sua capacidade de, nas palavras de Bakhtin, *intercalar* outros gêneros no decorrer do

4 Mass media: bajo su objetividad de superficie, las informaciones juegan con la emoción (...) Incluso las publicaciones serias se dejan arrastar por esa moda: basta con leer los títulos de los periódicos, las revistas, e incluso los artículos científicos o filosóficos. El tono universitario deja paso a un estilo más dinámico hecho de guiños y juegos de palabras (LIPOVETSKY, 2000, p.136)

enunciado maior. Um dos exemplos de gêneros intercalados é o romance epistolar no qual as correspondências entre personagens e heróis desempenhavam um papel significativo. Sendo assim, em um romance contemporâneo os personagens podem trocar mensagens de SMS (*short message system*) e utilizar abreviações, *emoticons*, entre outras formas típicas deste gênero no decorrer do romance, algo que seria impossível de ocorrer antes da criação e popularização dessa tecnologia. Bakhtin contrasta as possibilidades do estilo romanesco em incorporar estilos provenientes do plurilinguismo e polifonia com o estilo poético. O romance, ademais de poder intercalar diversos gêneros e estilos, também possibilitava o eco polifônico e plurilinguístico oriundos da diversidade socioeconômica e cultural.

É claro que nenhum poeta que tenha existido historicamente como um homem envolvido pelo plurilinguismo e pela polifonia vivos não poderia ignorar esta sensação e esta atitude para com a sua língua (em maior ou menor grau); mas elas não poderiam encontrar lugar no *estilo poético* de sua obra sem destruí-lo, sem vertê-lo ao modo da prosa, sem transformar o poeta em prosador (BAKHTIN, 1998, p.93)

Uma série de gêneros no decorrer das últimas décadas ganhou espaço na vida cotidiana e profissional das pessoas: *e-mails*, blogues (*blogs*), bate-papos (*chats*) etc. O surgimento desses gêneros se deve, sobretudo, às possibilidades tecnológicas resultantes dos desenvolvimentos econômicos e históricos. Por outro lado, não se pode dizer que tais gêneros tenham uma homogeneidade estilística. É verdade que a Internet popularizou o conceito do “internetês”, mas esse não é um estilo que possa ser aplicado a todos os gêneros digitais presentes na Internet. Em um *e-mail* enviado ao patrão, o subordinado provavelmente preferirá adotar um estilo capaz de manter a formalidade como manifestação de respeito, evitando gírias da Internet, bem como abreviações excessivas, letras minúsculas em início de oração etc.

De uma forma mais abrangente, verifica-se que tais conceitos estão todos relacionados com o de esfera/campo. Nas palavras de Bakhtin (2010c), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (p.262). Tal elo é de vital importância para a compreensão da materialização da linguagem na vida concreta. Nessa perspectiva, a linguagem é compreendida não como uma expressão individual de sujeitos que exteriorizam seu interior por meio desta (subjativismo individualista), tampouco como decorrente de um sistema sincrônico que não corresponde à língua em seu ineditismo contínuo (objetivismo abstrato), mas como um fator decisivo que permeia as interações verbais e possibilitam que todos os campos de

atividade humana possam exercer suas mais diversas atividades. Mesmo em gêneros digitais, há influência da esfera. *Chats*, por exemplo, podem variar em estilo em caso de ser um *chat* de atendimento ao cliente que contrasta em diversos aspectos com um *chat* convencional em um portal ou rede social.

Os gêneros digitais mais utilizados nas páginas de divulgação científica são basicamente: i) postagem (*post*); ii) capa (*cover*) e iii) comentários (*comments*⁵). Cada um desses gêneros possui especificidades, como preponderância de conteúdo verbal, visual, sincretismo etc. Analisaremos primeiramente o gênero e o estilo da postagem, assim como sua composição e especificidades do material publicado pela revista Superinteressante em sua página na rede social.



IMAGEM 1: Imagem e humor na Superinteressante

⁵Nota do autor: O idioma original do Facebook é o inglês e a tradução das operações básicas da página foram feitas por usuários voluntários, por isso usamos ambas as formas. Doravante utilizar-se-á apenas a versão portuguesa dos termos.

A figura 1 demonstra que a intenção discursiva da revista Superinteressante tem como principal enfoque temas relacionados à curiosidade do grande público leitor⁶. A ciência é empregada como um discurso de autoridade que embasa e dá verniz científico aos enunciados publicados “é o que diz a ciência”. Entretanto, o próprio conteúdo visual muitas vezes demonstra diferenças de finalidades, na imagem acima há uma evidente intenção de gerar humor por uma analogia visual entre o pênis quebrado e o pepino partido. Possenti (1998) demonstra como o humor é gerado por duplos sentidos oriundos de jogos de palavras, estes podem ser sintáticos, de variação linguística, fonológicos etc. No caso da figura 1 é possível, em nossa interpretação, ampliar a formulação de Possenti (1998) para o aspecto visual, pois nele também há uma tentativa de efeito humorístico pelo jogo entre imagens produzido pelo formato fálico do pepino partido relacionado com o tema da pergunta sobre a “possibilidade do pênis quebrar”. O efeito humorístico é gerado pela consonância temática, mas em termos didáticos não há contribuição visual para a compreensão da matéria. Em muitos casos como em gráficos, esquemas e tabelas há ampliação visual acrescentando dados extras ao conteúdo verbal. Em muitos casos, no *Facebook*, as imagens podem apenas acompanhar o texto.

As imagens (...) geralmente são elaboradas por outros sujeitos-autores, retiradas de livros, feitas por ilustradores especialmente para acompanhar o texto etc. A autoria distinta pode estar na origem de conflitos entre as dimensões verbal e verbo-visual.

Do ponto de vista do receptor, as imagens são lidas conjuntamente com os aspectos verbais (títulos, legendas, olho etc.), constituindo-se um primeiro nível de leitura que pode não ser seguido pela leitura do texto integral. Com isso, os aspectos verbo-visuais da configuração das páginas das revistas podem assumir uma autonomia relativa em relação ao restante da reportagem (GRILLO, 2013, p. 144)

Na imagem 1 verifica-se igualmente como há o uso do humor, algo que já havia sido anunciado por Lipovetsky, demonstrando materialmente a influência de aspectos extralinguísticos no estilo do gênero. Ademais, também verifica-se os interesses comerciais por trás do uso de revistas de divulgação científica no *Facebook*. Em sua postagem na rede, a Superinteressante faz menção a outra revista do mesmo grupo editorial através de um hipertexto para a página da revista Mundo Estranho. Destacamos a capa como outro gênero utilizado pelas revistas de divulgação científica no *Facebook*. A capa é outro gênero presente nas páginas do *Facebook*. Inicialmente, o

6A revista Superinteressante possui mais de 3 milhões de seguidores na rede. Fonte: www. (Acesso em 29 de setembro de 2015)

Facebook não contava com essa imagem nas páginas pessoais, institucionais ou comerciais, mas a partir de uma das atualizações da rede, ela passou a ser empregada não somente por usuários comuns, como por parte considerável das páginas de empresas, artistas, órgãos da imprensa etc.



Figura 2: CAPA DA SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL NO *FACEBOOK*

As publicações de capas no *Facebook* podem ter diferentes finalidades, assim como a imagem de perfil. As imagens de perfil das páginas de divulgação selecionadas como *corpus* de análise empregam o próprio logo da publicação no espaço dedicado para essas imagens. Ademais, como verifica-se na figura 2, é comum que utilizem as imagens de capa para fazer divulgação dos novos números publicados pela revista e dos temas relevantes divulgados na capa, nesse caso a “Evolução, a saga humana” foi a publicação da *Scientific American Brasil* no mês de outubro de 2014. Apesar de não haver uma periodicidade definida de antemão para alteração da capa no *Facebook*, elas tendem a acompanhar as novas publicações das bancas de jornal, sendo alteradas normalmente mês a mês. Ademais, outro fator em destaque é a ausência de conteúdo verbal no setor normalmente dedicado a ele disposto acima do conteúdo visual. No caso da imagem de capa identificada na imagem 23, o conteúdo verbal só está disposto em conjunção com o restante da figura. Nela também é exposta uma imagem em miniatura da capa da *Scientific American* e os locais em que se pode fazer uma compra online da nova edição da revista (*zinio* e *loja segmento*). É possível ressaltar a motivação econômica das páginas de *Facebook* na publicação de material na rede e

assim possibilitando ampliar o número de pessoas com as quais se comunicam e, conseqüentemente, aumentando o público leitor e o papel social das revistas na realidade mais ampla.

Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar - sonoro, pronunciado, visual -, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social. Ele organiza a comunicação que é voltada para uma reação de resposta, ele mesmo reage a algo; ele é inseparável do acontecimento de comunicação. (MEDVIÉDEV, 2012, p.183).

Analizamos, dessa forma, a segunda camada estilística. Nela é possível perceber que os gêneros do discurso estão intimamente ligados às questões estilísticas, mas que também sofrem influência da primeira camada mais ampla e social. Percebemos que os gêneros utilizam os recursos tecnológicos e os hipertextos para gerar conteúdo multimodal, assim como quebrar a linearidade do texto com a hipertextualidade, isto é, com *links* com referência a outras páginas da Internet (como no caso da revista Mundo Estranho). Analisaremos, por fim, a terceira camada, e a relevância do estilo autoral e como as outras camadas se influenciam mutuamente.

4. TERCEIRA CAMADA: O ESTILO AUTORAL EM COMENTÁRIOS E CARTA DE LEITORES.

O comentário é o último gênero do *Facebook* que será analisado no presente artigo em relação ao uso das revistas de divulgação científica nessa rede social. Para compreender completamente os comentários, entretanto, é preciso analisar primeiramente como a interação verbal leitor/revista se dava antes da popularização das chamadas mídias sociais. Os comentários promovem a possibilidade da responsividade ocorrer no *Facebook*. A maior parte dos gêneros presentes na Internet possuem uma maleabilidade significativa em comparação com os gêneros típicos de divulgação científica em outros formatos, como os de uma revista. No caso das revistas impressas, a responsividade por parte dos leitores ocorre basicamente pelo gênero carta dos leitores. Durante o período inicial de popularização da Internet, o uso da mesma estava mais relacionada a esse tipo de formato no qual o conteúdo das publicação eram menos

abertos às respostas dos usuários. Isto é, ao ler um artigo ou nova notícia em um jornal ou portal *online*, os usuários não podiam tecer comentários, críticas e elogios no setor inferior da página, prática comum a partir da popularização das mídias sociais. Para constatar o modo pelo qual esse percurso histórico alterou os gêneros empregados, analisaremos a publicação de duas cartas dos leitores (no *site* oficial da *Superinteressante*), para em seguida verificar como a responsividade ocorre de uma forma diferente quando se está em uma rede social como o *Facebook*.

Eles não bebem, não

Na Antiguidade, as bebidas fermentadas tiveram seu valor (“10 Mil Anos de Pileque”, setembro). Às vezes, era a única bebida sem impurezas disponível, além de conter nutrientes importantes. Hoje, temos água tratada e nossa alimentação é bastante variada - não precisamos mais do álcool. Aqueles que alegam que um “golinho não faz mal” devem se lembrar de que cada alcoólatra teve um primeiro gole na vida. Qualquer um está sujeito a ter problemas com alcoolismo direta ou indiretamente. Definitivamente, a nossa sociedade não precisa de bebida alcoólica.

Manuel Assis,

no site da SUPER

De acordo com a reportagem da revista, a bebida serviu como meio, catalisador ou encorajamento para: a escravidão no Egito; os massacres romanos, hunos e vikings; os marujos do colonialismo; os sacerdotes da Igreja; a escravidão africana; a revolução feminina; os combates da 2ª Guerra Mundial; e a criação dos EUA. Pensando bem, a história teria sido muito melhor sem a bebida.

Walace Santana,

no site da SUPER

A revolução feminina é comparável à escravidão africana, Wallace?

Figura 3: Cartas de leitores no *site* da *Superinteressante*

Na figura 3 averiguamos a interação verbal promovida entre os leitores da *Superinteressante* por meio do gênero “cartas dos leitores”. Tal gênero do discurso passou a ser empregado no meio digital, deixando de ser publicado exclusivamente nas revistas para ser também publicado nos *sites* das publicações. Embora tenham sido publicadas no *site* da *Superinteressante*, percebe-se que as cartas dos leitores seguem ainda um estilo muito semelhante ao das tradicionais cartas de leitores publicadas em revistas. Embora não seja nosso intuito estabelecer comparações exaustivas entre ambas formas de publicação, em linhas gerais se nota um estilo adequado com os parâmetros estabelecidos pela norma culta, as palavras foram corretamente grafadas e estão relacionadas com o tema da reportagem que versava sobre a história das bebidas alcoólicas. Sabe-se do tema (a história da bebida alcoólica), principalmente pela

evocação feita em negrito no título “Eles não bebem, não” e pela alusão ao título da matéria publicada “10 mil anos de pileque”.

Deve-se ressaltar mais algumas características a partir da análise da Imagem figura 3: i) a interação verbal se constitui não apenas no posicionamento dos leitores em relação ao conteúdo publicado pela *Superinteressante*, como também na continuação da interação pela resposta dada ao leitor/internauta Wallace Santana, questionando e, em certo grau, polemizando a maneira pela qual ele tornou comparável a escravidão africana com a revolução feminina; ii) o conteúdo das cartas divulgadas no *site* está relacionado ao tema da matéria publicada, assim como a resposta dada ao leitor se enquadra nesse tema; iii) a seleção das cartas tem um caráter importante, há um espaço previamente delimitado que contempla apenas um determinado número de cartas a serem publicadas. Essa triagem executada pela revista faz com que haja padronização estilística maior do que em outros gêneros digitais como os “comentários” no *Facebook*. Em tais comentários há um grau de censura muito mais baixo se comparado ao gênero “carta dos leitores”, possibilitando um número ilimitado de comentários. Já nas cartas aos leitores, apenas os enunciados adequados aos padrões editoriais da revista são publicados, isso demonstra como a interação entre as publicações de divulgação científica e seus leitores varia conforme mudanças históricas ocorridas na Internet e nos gêneros do discurso, nesse caso, mais precisamente, nos gêneros digitais. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2010, p.268). A historicidade dos comentários se notabiliza igualmente pela “interação e luta com os pensamentos dos outros” expressa no questionamento às comparações feitas na carta enviada pelo leitor Wallace Santana.

O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (BAKHTIN, 2010, p.298).

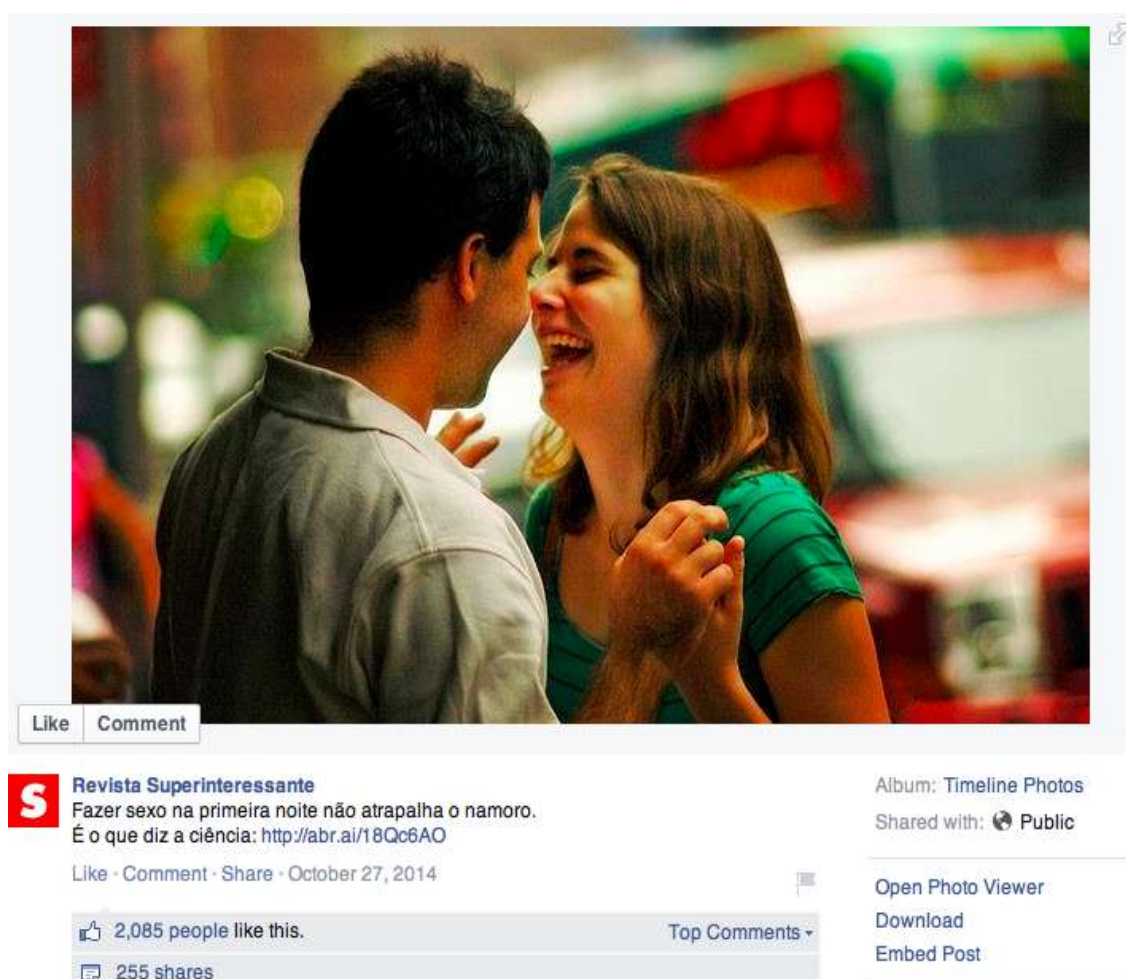


Figura 4: Superinteressante, curiosidades científicas e público leitor

O discurso de autoridade, a brevidade do enunciado e a hipertextualidade são algumas das propriedades discursivas características das publicações de divulgação científica no *Facebook*. A Superinteressante, entretanto, tem um perfil completamente diferente da Pesquisa FAPESP em como abordar temas científicos e, sobretudo, de quais tópicos preferencialmente abordar. É frequente a recorrência de tópicos controversos e polêmicos entre os quais: aborto, religião, política e, entre eles, sexo. Mesmo temas de áreas como física e matemática são frequentemente tratados de uma maneira capaz de cativar um público alvo mais amplo, não apenas o público comumente interessado em ciência. O fato de a Superinteressante ter objetivos comerciais de venda a um público maior certamente influencia a revista impressa e, por consequência, reverbera no teor do conteúdo postado nessa página.



Figura 5: Comentários e réplicas dos usuários à publicação da Superinteressante

O discurso de autoridade, por outro lado, é o argumento científico ao qual é atribuído a origem da afirmação de que sexo no primeiro encontro não traz prejuízos ao namoro: “É o que diz a ciência”. A ampliação do público leitor e o direcionamento temático rumo à temas capazes de instigar a opinião de uma gama maior de usuários resulta em comentários muitas vezes distantes do conteúdo científico como pode ser examinado na imagem 22. Ademais, verifica-se que, por não haver forte controle e censura dos comentários, muitas vezes os comentários podem aparecer com erros de grafia e simplificações que dinamizem a digitação como “comercio” “cancer” e “ate”, letras em caixa baixa (no comentário de Linda Chris), abreviações (“q” ao invés de que, “n” no lugar de não), repetições de vogais e pontuação para enfatizar a expressividade do enunciado “dia” e “????”, assim como as típicas risadas na Internet “kkkk”. Esse tipo de desvio da gramática culta é evitado em outras formas de interação verbal entre

leitores e revistas como nas supramencionadas cartas de leitores. Em termos discursivos, é ainda mais pungente a maneira pela qual o mérito científico é discutido nos comentários elaborados pelos usuários. Os resultados da ciência divulgados por tais páginas passam pela avaliação crítica dos usuários.

Os elementos supramencionados são exemplos de como o estilo autoral (terceira camada) está em grande medida alinhada com as outras duas camadas. Tal reflexão não se restringe ao estilo dos gêneros digitais, mas também pode ser refletida nos gêneros do discurso tradicionais. Em gêneros literários é esperado que haja algum grau de estilo autoral, em muitos casos tal estilo pode até ser consagrado no cânone literário, como o estilo homérico, proustiano etc. Nos gêneros do discurso típicos da burocracia, entretanto, não há como o estilo autoral florescer, ofícios. Silveira (2008) afirma que “todo esse léxico formal e abstrato que aparece nos ofícios integra esse gênero chamado estilo oficial que se expande para outros gêneros peculiares à burocracia estatal e empresarial” (p.226). Em muitos outros casos, o próprio gênero do discurso é totalmente estruturado para evitar subversões estilísticas. Na Internet, por exemplo, para entrar no *Facebook* e em outras redes sociais como *Twitter*, *Pinterest* e *Google+* necessitamos preencher o gênero cadastro para se tornar um membro da rede. Isso demonstra que os gêneros digitais podem possibilitar maior ou menor grau de autonomia estilística aos autores.

5. Considerações Finais

O exame das questões estilísticas advindas das obras bakhtinianas nos permitiu elaborar um método de análise estilístico em três camadas: i) o estilo situado dentro dos aspectos sócio-históricos; ii) o estilo do gênero e iii) o estilo autoral.

O estudo das três camadas nas páginas do *Facebook* das revistas *Superinteressante* e *Scientific American* possibilitaram a averiguação da porosidade e mútua influência do entre os três diferentes estratos estilísticos. Os avanços tecnológicos, o aumento do uso do humor e entretenimento na esfera jornalística foram um dos exemplos que demonstraram a influência do horizonte social mais amplo nos gêneros digitais analisados (postagens, comentários e capa).

Redes sociais como o *Facebook* se valem da responsividade dos usuários para que os conteúdos criados por diferentes páginas e membros da rede não sejam estanques

e possibilitem a interação verbal direta entre eles. No caso das revistas tradicionalmente impressas, o espaço para que os leitores pudessem enviar questionamentos era restrito às cartas de leitores. O estilo das cartas dos leitores, entretanto, é mais homogêneo do que os comentários no *Facebook*, pois não há limite para número de comentários e o grau de censura de conteúdo é menor do que na revista impressa. Por fim, ressaltamos que a segunda camada (o estilo do gênero) tem uma forte influência na possibilidade de haver possibilidade de um estilo pessoal. Romances, comentários e réplicas no *Facebook* são gêneros nos quais os autores do enunciado se expressam não apenas na dimensão ética e discursiva, como também pela adoção de um determinado estilo. Por outro lado, ofícios e formulários de cadastro são gêneros nos quais o papel do estilo autoral tendem a ser mitigados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. de Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010a.

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, p.3-186, 2010b.

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, p.261-306, 2010c.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. O discurso no romance In: *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. F. Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998. pp.71-164.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária In: *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. F. Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998b, pp. 13-57.

_____. O problema do texto in: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel

Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *O freudismo: um esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GRILLO, S. V. C.. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do título de livre-docente. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

KFOURI, J. Coragem de Mudar. in: TAVARES, M; FARIA, G [org]. *CBN, a rádio que toca notícia: a história da rede e as principais coberturas, estilo e linguagem do allnews, jornalismo político, econômico e esportivo, a construção da marca, o modelo de negócio*. Rio de Janeiro: Senac, 2006.

KÜNSCH, D. A. Apresentação. in: MARQUES, A. COSTA. C. T.; et al. *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

LIPOVETSKY, G. *La era del vacío*: Ensayos sobre el individualismo contemporáneo. Trad Joan Vinyoly ; MichèlePendanx. Barcelona: Anagrama, 2000.

MACHADO, F. S. *Hipertextualidade: uma abordagem bakhtiniana sobre relações dialógicas entre enunciados em rede*. 2012. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-14032013-095711/>>.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. EkaterinaVólkova Américo, Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012

SILVEIRA, M. I. M. O burocratês: análise à luz de uma gramática retórica. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n.1, jan./jun. 2008, pp. 215-258.

